

## Fundamentos Micro-económicos da Macroeconomia

Sendo a teoria económica baseada no comportamento do *homo economicus*, fazendo assim uso do individualismo metodológico, a macroeconomia surge como uma espécie de excepção na medida em que o seu estudo tem como objecto os comportamentos agregados, ou comportamentos de conjuntos classificados de agentes. O ponto de partida deixa de ser o indivíduo ainda que isso não signifique o abandono do princípio da racionalidade individual.

Alguns economistas, defensores das posições da escola clássica, insistiram e insistem que a macroeconomia deve ser fundamentada com rigor no comportamento dos agentes individuais. Ainda que seja impossível agregar as funções de preferência individuais para obtermos representações colectivas, estes economistas insistem na dependência de análises agregadas do estudo dos comportamentos individuais, ou microeconómicos.

Devemos assim estudar alguns dos pontos essenciais à fundamentação microeconómica da macroeconomia. Começaremos por chamar a atenção que a “descoberta” desta fundamentação tem já uns bons anos, estudaremos depois a representação microeconómica da oferta de trabalho e a sua passagem ao plano macroeconómico e ainda a representação das escolhas de consumo de um indivíduo que vive dois períodos.

Apesar de os economistas, como todos os “consumidores”, serem arrastados pela moda não devemos esquecer o contributo histórico dos antigos autores. O primeiro economista a procurar fazer uma representação unificada da microeconomia e da macroeconomia foi o polaco Michael Kalecki (1899-1970). Os seus principais contributos acabaram por ser escritos em (Cambridge) Inglaterra que o acolheu no seu exílio. Este autor procurou apresentar a repartição macroeconómica de rendimentos a partir da teoria microeconómica dos preços. No entanto a sua influência não foi grande uma vez que a sua teoria dos preços se baseava na hipótese de os mercados característicos da economia capitalista serem oligopolistas. As suas simpatias marxistas também não o favoreceram junto dos autores mais ortodoxos.

Recentemente, alguns autores da escola dos novi-clássicos (*new classical*) chegaram a negar a existência de uma disciplina autónoma como a macroeconomia. Estes autores procuram fundamentar os comportamentos agregados nos comportamentos do

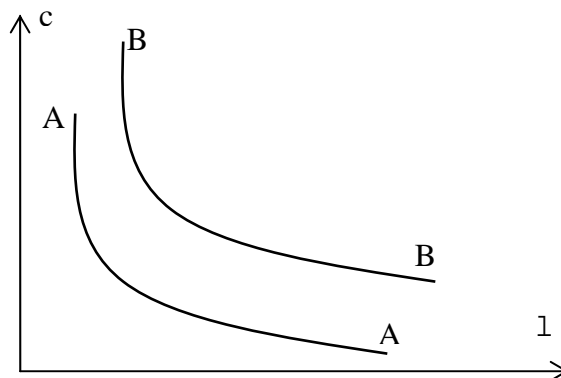
indivíduo, como já dissemos acima. Mas estes autores têm encontrado muitas dificuldades em conseguirem que os seus modelos reproduzam os dados concretos das economias.

### ***Decisão Individual da Oferta de Trabalho***

O indivíduo dispõe de um dado número de horas que deve repartir entre trabalho e lazer. Quais os princípios em que se baseia esta repartição. O primeiro facto a ter em conta é que as horas totais são limitadas. Essas horas são divididas em

$$h = n^s + \quad (1.1)$$

trabalho ( $n^s$ ) e lazer ( ). Se aquelas horas totais são limitadas também as horas de trabalho e de lazer o são. Podemos considerar que o trabalho e o lazer são bens substitutos. Se porventura aumento a duração de um sou obrigado a reduzir a duração do outro. O meu interesse em trabalhar resulta do facto de apenas este me permitir o acesso ao consumo. Quanto mais elevado o meu consumo e horas de lazer mais satisfeito me sinto. Um consumo elevado significa mais tempo de trabalho e assim menos lazer. Na Fig. 1 representamos duas curvas de preferência que associam dois níveis diferentes de utilidade,  $U(c, )$ . A curva BB é naturalmente preferida à outra curva, AA.



**Figura 1: Curvas de Indiferença para Consumo e Lazer**

Tomemos o contexto temporal mais simples para o nosso raciocínio: a economia tem a duração de 1 período. Como representar o consumo de um indivíduo? Tendo em conta a hipótese anterior o indivíduo consome a totalidade do seu rendimento

$$c = w \cdot n^s + \pi - t \quad (1.2)$$

onde  $w$ ,  $\pi$  e  $t$  representam o salário, os lucros e os impostos. Substituindo (1.1) em (1.2) temos

$$c = w \cdot (h - l) + \pi - t \tag{1.3}$$

ou em termos de origem e aplicação dos rendimentos

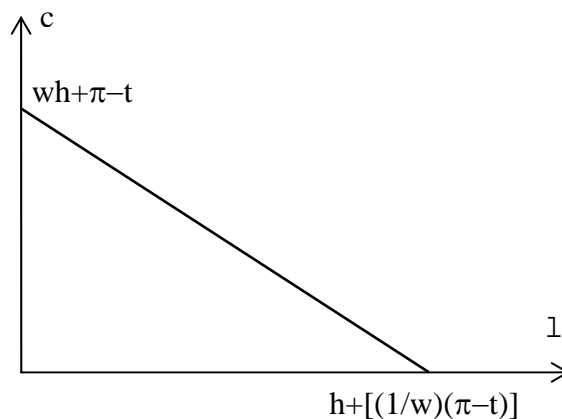
$$c + w \cdot l = w \cdot h + \pi - t \tag{1.4}$$

Nesta última equação é clara a decisão do indivíduo em consumir e em dispor de lazer com o valor  $w \cdot l$ . Neste caso,  $w$ , representa o custo de oportunidade do lazer. Por cada hora de lazer o indivíduo prescinde de um valor de rendimento igual a  $w$ .

A equação (1.3) representa a restrição orçamental do consumidor que pode ser re-escrita por forma a isolar a variável lazer,

$$l = \frac{c + w \cdot h + \pi - t}{w} \tag{1.5}$$

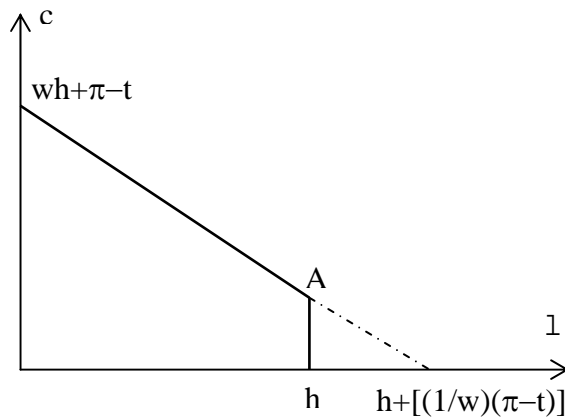
Na Fig. 2 representámos esta curva



**Figura 2: Restrição Orçamental do Consumidor**

O segmento de recta parte de  $c = w \cdot h + \pi - t$ , onde  $l = 0$ , e termina onde  $l = h + \frac{\pi - t}{w}$ , ponto para o qual o consumo é nulo. Este gráfico, com a restrição imposta ao consumidor merece atenção mais cuidada. No caso de  $\pi - t < 0$ , ou seja  $t > \pi$ , aquele ponto no eixo das abcissas situa-se à esquerda de  $h$ . A representação da Fig. 2 está correcta, mas a situação deve ser considerada como particular. Não é normal os impostos serem superiores aos lucros. A situação mais aceitável é antes,  $\pi > t$ , os lucros terem um valor mais elevado que os impostos. Neste caso, o valor de  $h + \frac{\pi - t}{w}$  situa-se à direi-

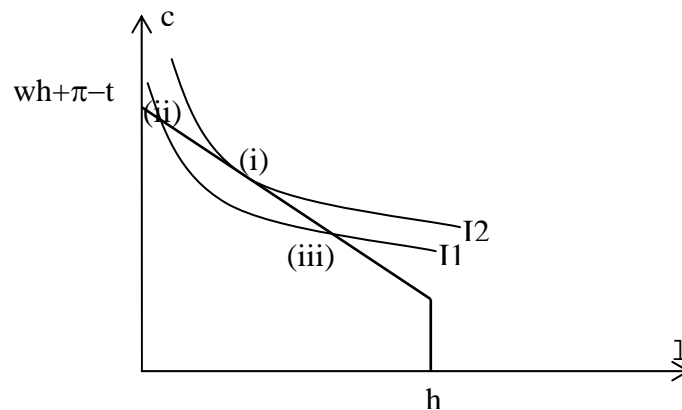
ta de  $h$ . E à direita de  $h$  é impossível imaginar valores para o lazer. A curva da Fig. 2 deve assim ser cortada, como o fizemos na Fig. 3.



**Figura 3: Restrição Orçamental do Consumidor Cortada**

Quando  $l = h$ , o indivíduo usa todo o seu tempo para lazer e pode consumir o valor dos lucros que auferes menos os impostos que paga  $(\pi - t)$ . No entanto, o ponto A não tem interesse como solução para a economia. Alguns indivíduos podem situar-se naquele ponto A, mas se muitos, ou todos, aí se situarem não poderão existir lucros na economia, porque  $n^s=0$ , a quantidade de trabalho seria nula.

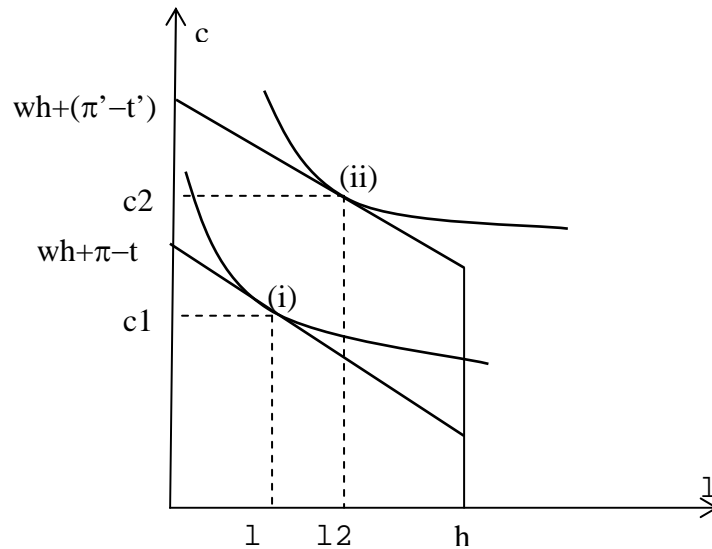
De posse da restrição orçamental do indivíduo e das suas curvas de indiferença quanto ao consumo e ao lazer, podemos representar a situação óptima de escolha dos valores do consumo e do lazer (Fig. 4).



**Figura 4: Escolha do Ótimo de Consumo e Lazer**

A escolha do consumidor recai em (i) que se situa na curva de indiferença mais à direita possível. Os pontos (ii) e (iii), sendo possíveis, seriam claramente pontos sub-óptimos.

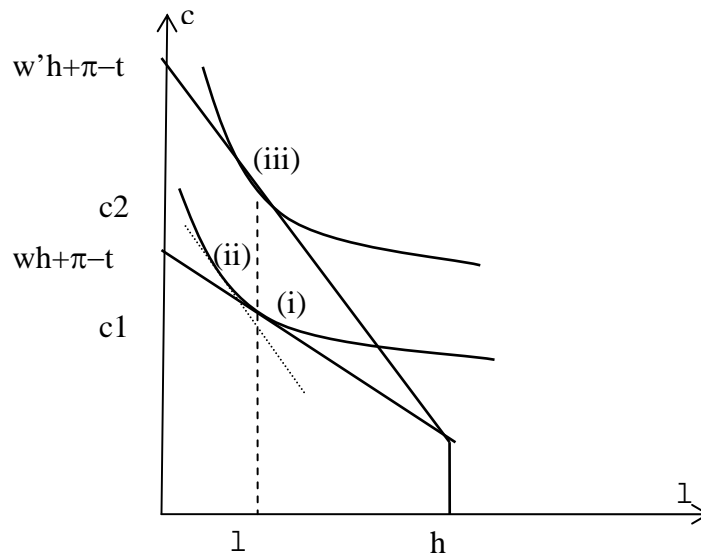
Se o valor de  $(\pi - t)$  aumentar, a curva da restrição orçamental do indivíduo desloca-se para cima como na Fig. 5.



**Figura 5: Ótimo de Consumo e Lazer pós Aumento dos Rendimentos**

Na nova situação de ótimo (ii), temos  $c_2 > c_1$  e  $l_2 > l_1$ , consumo e lazer têm valores mais elevados. O indivíduo consome mais e trabalha menos. Esta passagem de (i) a (ii) é dita corresponder a um efeito rendimento. Apenas o rendimento se alterou mantendo-se o custo de oportunidade do lazer sem qualquer alteração.

Admitamos agora um aumento do salário, que passa de  $w$  para  $w'$ . Como representámos na Fig. 6, a inclinação da recta da restrição orçamental altera-se, sendo agora a recta mais empinada. O indivíduo que escolhia o ponto (i) para o salário  $w$ , passou a escolher (iii) para o novo nível salarial  $w'$ .



**Figura 6: Ótimo de Consumo e Lazer pós Variação do Salário**

Na mesma Figura representámos o ponto (ii), na curva de indiferença à qual correspondia o ponto de ótimo inicial e que é tangente a um segmento de recta paralelo à nova curva de restrição do agente. Ou seja, estamos a medir a alteração apenas justificada por uma modificação do custo de oportunidade do lazer sem que tenha em conta a variação de rendimento que isso provoca. Assim, a passagem de (i) para (ii) corresponde ao que classificámos de efeito substituição. Perante o aumento do custo de oportunidade do lazer o indivíduo reduz o tempo que lhe destina aumentando o seu consumo pela via de um salário mais elevado e de mais tempo de trabalho. A passagem de (ii) a (iii) é equivalente à alteração do ótimo em resultado de um aumento do rendimento. Repare-se que as tangentes a estes dois pontos têm a mesma inclinação. Vejamos o que aconteceu apenas em termos de lazer. O salário aumentou e houve um efeito substituição (movimento ao longo da curva de indiferença) de redução do tempo de lazer e conseqüente aumento do tempo de trabalho. Ao mesmo tempo registou-se um efeito rendimento que ao levar o indivíduo a consumir mais o leva também a aumentar o seu tempo de lazer.

### ***Oferta de Trabalho Macroeconómica e Fundamentação Microeconómica***

Todas as deduções que até aqui fizemos são lógicas e assim fáceis de aceitar como representando comportamentos normais, ou racionais. Um dos problemas surge quando damos o passo para o conjunto da economia. Quando passamos para a relação entre a

oferta de trabalho,  $N \cdot n^s = N^s$  (onde  $N$  é o número de indivíduos), e o nível de salário. Que relação vem traduzida por  $N^s(w)$ ? Qual a associação entre o número de horas que os indivíduos pretendem trabalhar e o salário praticado na economia? Se o efeito rendimento dominar, a curva  $N^s(w)$  terá uma inclinação negativa: para salários mais elevados o número de horas de trabalho pretendidas pela globalidade dos indivíduos diminui. Se pelo contrário for o efeito substituição a dominar, aquela associação entre horas de trabalho e salário é positiva. A teoria não nos diz qual destes efeitos domina, ou em que circunstâncias poderá dominar.

Mas tendo o comportamento macroeconómico da oferta de de trabalho uma relação positiva com o salário, os economistas que defendem a obrigatoriedade da fundamentação microeconómica da macroeconomia, acabam por admitir, ou pressupor, que o efeito substituição é dominante. Como veremos de seguida, o problema reside no facto do estudo do comportamento do indivíduo em termos das suas escolhas entre trabalho e lazer não poder servir de fundamento a uma relação macroeconómica entre oferta de trabalho e salário.

O modelo de comportamento individual que acabámos de analisar não é compatível com a organização da produção. Não faz sentido admitir que um indivíduo possa escolher o número de horas que vai trabalhar numa dada unidade de produção. O modelo representa as opções que se colocam a um indivíduo mas não representa as opções que um indivíduo defronta na economia como ela existe. Numa economia onde aquela escolha fosse efectiva os custos de transacção na contratação de trabalhadores tornaria ineficiente tal organização. Em suma, o comportamento macroeconómico não deve ser estendido a partir do estudo microeconómico da decisão entre trabalho e lazer. Uma consequência do que dissemos é que a curva da oferta de trabalho não tem necessariamente de ser crescente, o que leva a questionar a função do salário como equilibrador entre uma procura e uma oferta de trabalho. Convém lembrar que foi Keynes que pela primeira vez fez uso de uma curva de oferta de trabalho perfeitamente elástica ao salário e que por isso se explicaria o fenómeno de desemprego voluntário.